

Nulos, brancos, Enéas, Rossi

ROLF KUNTZ
JORNAL DA TARDE

11 OUT 1994



A GRANDE POLARIZAÇÃO PODE
NÃO TER SIDO ENTRE OS
DOIS CANDIDATOS, MAS ENTRE
A POLÍTICA E A SUA NEGAÇÃO.

A grande polarização das últimas eleições pode não ter sido, afinal, entre dois candidatos, mas entre a política e a sua negação. Muitos brasileiros acreditam em anjo, segundo pesquisa realizada há poucos anos. Mas não crêem nos homens, a não ser quando travestidos de profetas ou vingadores animados pelo sopro divino. O senhor Nulo é o senhor Branco, terceiro e quarto colocados na eleição presidencial, com 14 milhões de votos contados até domingo, representam, provavelmente, bem mais que um mal-estar ocasional da cidadania. Podem significar a recusa da obrigação de votar. Mas também expressam, quase com certeza, repulsa aos homens identificados com a política. Não por acaso, logo depois do senhor Nulo e do senhor Branco, aparece, como quinto mais votado, o doutor Enéas Carneiro, não mais uma piada.

Noutra circunstância, essa votação poderia expressar a condenação moral, ou política, de candidatos identificáveis. Não é caso. Fernando Henrique, Lula, Brizola e Amin, homens há muito tempo envolvidos com a política, têm credenciais legítimas para disputar um cargo público. Pelo critério da ficha pessoal, não haveria por que recusar o voto aos políticos conhecidos. Se houve condenação, não foi a desses nomes. Condenou-se, talvez, algo muito mais vago e muito mais amplo: os costumes políticos? os processos de escolha? a "desordem" democrática?

Coincidência ou não, os vo-

tos em branco, em São Paulo, superaram os do petista José Dirceu. Os nulos foram mais numerosos que os de Barroz Munhoz. Somados, nulos e brancos representavam, no domingo, mais que os atribuídos a Francisco Rossi. Também neste caso, uma combinação interessante. O segundo mais votado em São Paulo fez uma campanha rigorosamente vazia. Limitou-se, durante a maior parte do tempo, a declarar-se honesto, evangélico e leitor da Bíblia, como se todos os demais fossem um bando de mentirosos e exploradores da boa-fé. Renunciando a promessas, a não ser a de agir com honestidade, também se desobrigou de apresentar um programa ou de expor idéias ao debate. Collor, durante sua campanha, prometeu demitir os marajás e desenvolver algu-

mas ações "modernizadoras". Falou, por exemplo, em abertura econômica e em privatização. Com seu discurso restrito, Rossi foi menos que um Collor, não indo além da conversa moralista.

Há cinco anos, Fernando Collor se elegeu como o candidato "de fora", o vingador, o imaculado. Tinha por trás de si, como sempre se soube, a força de grandes interesses. Falava mal da Fiesp, em público, enquanto sua equipe coletava o auxílio dos muito ricos. Para a grande massa do eleitorado, no entanto, aparecia como o justiceiro solitário, a negação do Estado hipertrofiado, corrupto e incompetente. Não precisou de um partido para se eleger. Por falar em partido, vejam quantos do PDT, a legenda de Francisco Rossi, foram eleitos para a Câ-

mara dos Deputados e para a Assembléia Legislativa. No domingo, apenas dois nomes do PDT apareciam na lista dos cem mais votados para deputado federal. Um estava em 51º lugar, outro em 84º. Na relação dos estaduais também havia dois, um em 29º lugar, outro em 78º. Que o pedetismo seja fraco em São Paulo não é novidade. Brizola jamais conseguiu apoio significativo entre os paulistas. Sem Brizola, mas com sua legenda, Rossi conquistou, no entanto, o direito de ir ao segundo turno. Só por ser evangélico, empunhar a Bíblia e proclamar honestidade? Isso pesou, provavelmente, mas a história completa dessa façanha ainda terá de ser pesquisada.

Em pouco tempo, as atenções estarão concentradas nos problemas urgentes da administração. O governo federal terá de empurrar o Plano Real até o fim do ano, o presidente eleito estará montando o Ministério e preparando a transição, o futuro governador paulista deverá preocupar-se com a dívida estadual, etc. Pouca gente, com certeza, se lembrará do lado sombrio destas eleições. Seria melhor não esquecer. A mentalidade antipolítica pode ser ingênua, mas não inofensiva. Tanto quanto o espírito fanático, é um poderoso alimento do autoritarismo.

O AUTOR

Rolf Kuntz é professor
do Departamento de
Filosofia da USP e
jornalista de O Estado
de S. Paulo

